

## **Estudo sobre os griots e griotes africanos: a ressalva da tradição na modernidade**

Jahan Natanael Domingos Lopes  
Universidade Estadual de Campinas  
Jahan\_natanael@hotmail.com

### **Introdução**

Este trabalho busca fazer uma análise da tradição oral africana, construindo uma narrativa que vai desde a intimidade para com a Palavra – remontando a uma realidade transcendentalista – até o sistema de castas, comum às civilizações da África ocidental e da oriental. O seu recorte são os contadores de histórias – parte dessas castas – os Griots e as Griotes que têm a função de perpetuar as suas histórias ancestrais e as genealogias deles e a dos outros, repassando, de gerações a gerações, conhecimentos recolhidos de grandes viagens, às vezes, transmutados em músicas, crônicas, poemas.

A partir dessa realidade mnemônica há a Modernidade como oposição a qual, inserida na homogeneizadora globalização, dilapidou culturas e tradições como a dos contadores de histórias africanos. O imperialismo europeu e a internet foram apagando elementos disruptivos do processo de uniformização cultural, tornando obsoletos os conhecimentos da memória, como as genealogias e as tradições orais. Neste momento, a memória vasta dos Griots e Griotes tornou-se exceção.

### **Objetivos**

O objetivo deste trabalho é discutir quem são os Griots e Griotes, analisando sua atuação para a preservação histórica africana a partir da tradição oral, usando musicalidade, cronismo e estudos genealógicos como veículos para esse feito.

Procura-se entender, também, como a Modernidade – contrária às tradições e às memorizações – influenciou esses indivíduos. Por fim, o trabalho tem como propósito final – alicerçado na análise da curiosa tradição dos Griots e Griotes – a difusão de um outro modo de se enxergarem a memória e a tradição oral.

### **Metodologia**

Neste trabalho foi utilizada uma metodologia indutiva, analisando a sociedade tradicional africana em sua intimidade com a Palavra e a estruturação social de castas, recortando para os Griots e Griotes e, por fim, considerando esses indivíduos frente a Modernidade. Para a construção dessa narrativa foram utilizados dados de livros e de periódicos.

### **Resultados Preliminares**

Dentre os resultados nota-se que, embora a tradição africana seja até hoje muito ligada à Palavra, por ser possível na fala concretizar e repassar tanto sentimentos quanto a história – de um povo, um império ou genealogia –, sendo os Griots e as Griotes perpetuadores dessa prática (é interessante a perspectiva de uma aparente igualdade de gênero nessas castas), mas, com a Modernidade, essa cultura tem um percurso difícil para conseguir manter-se. Vale destacar que foi considerada, ao fim do trabalho, a importância

de estudos que englobem tais indivíduos para que eles não sejam amortalhados e, por fim, esquecidos.

### **Tradições e castas**

Imaginem estar, à noite, em plena mata, ao redor de uma fogueira, ao lado dos meninos e meninas das aldeias africanas, escutando as narrativas fantásticas de um “contador de histórias” – o griot (BARBOSA, 2001).

A tradição, para a história africana, refere-se à tradição oral, haja vista que os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram os cérebros dos homens. A palavra, tão valiosa para o africano, é o agente mágico detentor de forças etéreas. Dentro da tradição oral, o espiritual e o material não estão dissociados, passando do esotérico, internalizado no indivíduo, para o exotérico por meio dos sons que geram a fala, sagrada por excelência, pois materializa as vibrações das forças divinas.

A tradição bambara do Komo (uma das grandes escolas de iniciação do Mande – Mali) “ensina que a Palavra – Kuma – é uma força fundamental que emana do próprio Ser Supremo – Maa Ngala – criador de todas as coisas [...] O mito da criação do universo e do homem, ensinado pelo mestre iniciador do Komo (que é sempre um ferreiro) aos jovens circuncidados, revela-nos que quando Maa Ngala sentiu falta de um interlocutor, criou o Primeiro Homem: Maa e, como se ensina, depositou em Maa as três potencialidades: do poder, do querer e do saber” (HAMPÁTÊ BÂ, 1982, p. 170).

Esses dons são concretizados na fala, a qual “pode criar a paz, assim como pode destruí-la. É como o fogo. Uma única palavra imprudente pode desencadear uma guerra, do mesmo modo que um graveto em chamas pode provocar um grande incêndio. Diz o adágio malinês: O que é que coloca uma coisa nas devidas condições (ou seja, a arranja, a dispõe favoravelmente)? A fala. O que é que estraga uma coisa? A fala. O que é que mantém uma coisa em seu estado? A fala”. A tradição, pois, confere à Kuma – a Palavra – não só um poder criador, mas também a dupla função de conservar e de destruir. Por essa razão a fala, por excelência, é o grande agente ativo da magia africana” (HAMPÁTÊ BÂ, 1982, p. 173).

Waldman (1997/1998), mestre em Antropologia pela FFLCH/USP, destaca que por meio da narrativa é possível identificar um modelado a respeito do Espaço e do Tempo africano, construindo uma diferente geografia, mais sensível, já que se constitui na forma de relatos, com fatos esboçando um grande esmiuçar nos valores qualitativos das histórias, chegando a denominar o estudo africano, por meio da tradição oral, como uma análise que consegue desnudar uma verdadeira “África profunda”.

Sabendo a grande importância da fala – que constrói a tradição africana através de histórias e relatos contados pela própria população – é importante serem identificados, inicialmente, quem são os agentes que produzem esses discursos. O historiador e etnólogo malinês Hampâté Bâ (1982) desmembra a divisão de castas (ou nyamakala) da região de todo território do Barfur, antiga África ocidental francesa, valendo destacar que, pela comparação feita por Diop (1987), esse sistema de castas de Barfur pode ser comparado (alterando-se apenas pelas divisões mais ou menos desmembradas) com os demais sistemas de quase toda África ocidental e oriental – compreendendo países como Mali, Senegal, Gâmbia, Libéria, Serra Leoa, Mauritània, Benim e Burkina Faso. Eis a divisão de castas:

- os ferreiros (numu em bambara, baylo em fulfulde);
- os tecelões (maabo em bambara e em fulfulde);
- os trabalhadores da madeira (tanto o lenhador como o marceneiro; saki em bambara, labbo em fulfulde);

- os trabalhadores do couro (garanke em bambara, sakke em fulfulde);
- os animadores públicos (dieli em bambara; em fulfulde eles são designados pelo nome geral de nyamakala ou membro de uma casta, isto é, nyeebye) e são mais conhecidos pelo nome francês de Griot.

### **A memória dos contadores de histórias**

Esmiuçando a casta dos Delis (cuja tradução é literalmente *sangue*, por serem a seiva da historicidade africana), pode-se definir que, “Griot é a denominação aos contadores de histórias da África. São considerados sábios muito importantes e respeitados na comunidade onde vivem. Através de suas narrativas, eles passam de geração a geração as tradições de seus povos. O termo pertence ao vocabulário franco-africano, criado na época colonial para designar narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmitia a história de personagens e famílias importantes para as quais estavam a serviço” (BRÁS, 2012).

Vale destacar que esses contadores de história não são restritos por gênero. Há tanto os Griots quanto as Griotes, ambos responsáveis, em uma cultura oral, por conservarem a memória coletiva africana, “calando os homens quando se faziam presentes”, como afirmou o Griot Kouyaté – do grupo étnico Mandinka, o qual serve à dinastia Keita desde o século XIII – em sua entrevista no livro ‘Encontros com o Griot’ de Bernart (2013). Portanto, tanto Griots quanto as Griotes têm a mesma função possuindo “uma enorme importância na conservação da palavra, da narração, do mito. Através da oralidade, mantém aquilo que deve permanecer embutido na memória das pessoas, no sentido de manter incrustada a identidade do seu ser e a das suas raízes, fundamentada, em grande parte, no seu passado e nos seus predecessores” (REIS, 2017).

Considerando, então, a música, a poesia lírica e os contos que animam as recreações populares e, normalmente, também a história, Hampâté Bâ (1982) esmiúça três categorias para os Griots:

- os Griots músicos (os foli ou kosiri), que tocam qualquer instrumento (agogô, monocórdio, guitarra, cora, tantã etc.). Normalmente são excelentes cantores, preservadores, transmissores da música antiga e, além disso, compositores.
- os Griots “embaixadores” e cortesãos, responsáveis pela mediação entre as grandes famílias em caso de desavenças. Estão sempre ligados a uma família nobre ou real ou, às vezes, a uma única pessoa.
- os Griots genealogistas, historiadores ou poetas (ou os três ao mesmo tempo, também denominados Kuma), que em geral são igualmente contadores de história e grandes viajantes, não necessariamente ligados a uma família.

Ainda que todas as castas possuam uma grande devoção à fala, recitando longos discursos decorados antes e durante o exercício de suas profissões, os Griots têm uma ambição por coletar cada vez mais conhecimentos viajando por toda a África a fim de arrecadarem ainda mais genealogias e de transmitirem músicas e conhecimentos. Ainda que seja um Griot ligado a uma família, mais estático em um lugar, também fará viagens como caso algum nobre queira cortejar uma dama, será o Griot quem irá até o recinto da moça a fim de recitar sonetos para a devida amada.

Contudo, até chegar ao nível de um Griot respeitado há um longo e árduo caminho.

O processo de formação de cada novo guardião, de cada griot, é acompanhado por outros guardiões. Processo este no qual erros não são admitidos, uma vez que o papel deste guardião é (re)contar de modo fiel as memórias, cheiros, lugares, valores, enfim, o todo que tece a história de um saber coletivo ancestral. (TALGA, 2012, p. 326).

Essa tradição cultural é milenar; os primeiros relatos datam do século XV, mas há indícios de serem muito mais antigas, haja vista a possível comparação com os Aedos gregos e os Jograis cretenses, com funções semelhantes às dos Griots e Griotes, guiando-se em uma trilha que se volta para a África tradicional e remontando a um tempo, como durante o império do Mali, onde todos indivíduos da região sabiam de cor pelo menos 10 a 12 gerações de sua família, como afirma Hampâté Bâ (1982), com grande nível de detalhes da vida desses indivíduos.<sup>1</sup>

Os Griots e Griotes são os atuais resquícios dessa cultura, contudo, com o advento da Modernidade, que adentra cada vez mais nas sociedades africanas pelo abraçar do capital concebido pela globalização devorando as tradições e homogeneizando o mundo, espera-se, para o futuro dessa tradição sintetizada na memória, uma triste realidade, “que com a configuração de novas máquinas de memória, inumanas, não mais analógicas à fisiologia humana, com a noção mesma de ”virtualidade” deslocando-se do espírito (tal como pensado por Bergson) para a materialidade das máquinas cibernéticas, parece ter se intensificado, contemporaneamente, um temor difuso e um sentimento de impossibilidade de autonomia e de liberdade, em suma, certa sensação de “desespirtualização”, de impotência ante as estimulações e solicitações externas”(FERRAZ, 2005), impondo, assim, aos contadores de histórias, uma mortalha.

### **Modernidade: a devoradora de tradições**

Essa Modernidade que avança sobre a África, apesar de uma atual exponencial intensificação, advém a partir do início das práticas europeias imperialistas no continente, que massacram a imagem e a cultura do africano, por conta “de uma violência colonial solapada no mito de modernidade [...] levando em consideração tanto as questões físicas quanto subjetivas” (DUSSEL, 1994, p. 31).

É, então, possível concluir que os Griots estão historicamente, em especial no último século, perdendo seu espaço e sua impressionante memória ao serem devorados pela *modernidade líquida*, que, na concepção de Bauman (2001), é um processo em que tudo, cada dia mais, se torna mais descartável e insaciável, dando aos imperativos divinos concebidos de Maa Ngala para Maa (poder, querer e conhecer) um caráter nefasto e simplório, assim como a própria Palavra (Kuma), que falece por inanição devido à facilidade e à banalidade que as informações na memória humana adquiriram a partir da mundialização causada, especialmente, pelo advento de esferas como a internet.

Deitel et al. (2003, p. 58) afirmam que “o computador é um dispositivo capaz de realizar cálculos e tomar decisões lógicas a velocidades de milhões, até bilhões de vezes mais rápidas que os seres humanos”. Há espaço, nesse contexto atual, para a tradição dos Griots? Essa questão permeia-se, cada vez mais, de atributos que trazem uma resposta negativa; contudo, há a ressalva quanto ao poder que o interesse acadêmico referente à preservação do conhecimento acerca da cultura Griot pode proporcionar.

Conhecê-los e difundir esse outro modo de se lidar com a vida, valorizando as histórias dos mais velhos, conhecendo as genealogias (tanto próprias quanto as de outrem),

---

1 Nesse ponto vale nos questionar se nossos tataranetos se lembrarão de nós, e, mais longe, se daqui 10 a 12 gerações nossas raízes familiares lembrarão quem fomos, o que fizemos, ao menos nossos nomes...

reconhecendo o poder artístico como forma de expressão de uma retomada histórica, o viajar para conhecer (e não pela famigerada *selfie*)... são algumas das lições cabíveis de serem aprendidas quando se conhecem, ainda que pelas documentações, esses curiosos, divertidos e inspiradores contadores de histórias: os Griots e Griotes africanos.

### **Considerações finais**

Este trabalho elucidou uma tradição muito peculiar frente a homogeneidade que o mundo globalizado constrói. Os Griots e Griotes são indivíduos especiais por conta de sua memória e de seu conhecimento passado de geração em geração, lembrando um grande acervo de genealogias e de histórias populares. São um exímio exemplo para nos perguntarmos se conhecemos nossa história genealógica o quanto seja possível, se cultivamos as histórias de nossos antepassados e, por fim, se nossa memória ainda é útil nessa sociedade construída pela Modernidade. Esses contadores de histórias são, no pior dos casos, inspirações.

### **Referências bibliográfias**

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERNAT, Isaac. **Encontros com o griot Sotigui Kouyaté**. 1. ed. [S. l.]: Editora Pallas, 2013. 256 p. ISBN 9788534705103.

BRAZ, Júlio. **Griot – Histórias que ouvimos da África**. 1. ed. rev. São Paulo: Projeto Pedagógico, 2012.

CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 19., 2015, Rio de Janeiro. **Martinho da Vila: um griot na pós-modernidade** [...]. Rio de Janeiro: Cadernos do CNLF, 2015. 11 p. v. 19. Tema: Análise do discurso, linguística textual.

DIOP, Cheikh. **Precolonial Black Africa: a comparative Study of the political and Social Systems of Europe and black Africa, from Antiquity to the Formation of modern States**. 1. ed. United States of America: Lawrence Hill & Company, 1987. 252 p. ISBN 0-88208-188-X.

FURQUIM, Fabiane. **Repensando a Tradição e a Modernidade em Moçambique: uma abordagem conceitual**. In: Encontro regional de História, nº 15, 2016, Curitiba. Resumo estendido. Local: ANPUH, 2016.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In: \_\_\_\_\_. História geral da África, I: metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph KiZerbo. São Paulo: Ática; UNESCO, 1982.

PINHEIRO, Júnior; MARTINS, Júnia. **Tradição e Oralidade: dos fios da memória à rede das ciberculturas**. Revista temática, Campina Grande, Ano IX, n. 04, p. 1-16, abril de 2013.

REIS, Bruna. **Ile asè ojubo ògún: Território de memória e resistência negra em Curitiba**. 2017. 57 págs. (História, Memória e Imagem) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SANTOS, Milton. **Técnica espaçotempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. In: Os espaços da globalização. 1. ed. São Paulo, 1994. cap. 4, p. 23-29.

TALGA, Jaqueline. **Os griots da contemporaneidade: a passagem dos conhecimentos e as distâncias espaciais.** In: SILIAFRO, 1, 2012, Uberlândia. Anais do SILIAFRO: EDUFU, 2012.

WALDMAN, Maurício. **Africanidade, espaço e tradição: a topologia do imaginário espacial tradicional africano na fala "Griot" sobre Sundjata Keita do Mali.** Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 20-21: 219-268, 1997/1998.

\_\_\_\_\_. **Histórias africanas para contar e recontar.** Ilustrações de Graça Lima. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.